



FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

HÉLIDA RAMAYANA DE OLIVEIRA SILVA
RAIANE LIMA SILVA

**ANÁLISE DOS TRANSTORNOS CAUSADOS PELO ABANDONO AFETIVO NA
INFÂNCIA**

PARAUAPEBAS
2023

HÉLIDA RAMAYANA DE OLIVEIRA SILVA
RAIANE LIMA SILVA

**ABANDONO AFETIVO ANÁLISE DOS TRANSTORNOS CAUSADOS PELO
ABANDONO AFETIVO NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para aprovação da disciplina de TCC II no curso de bacharelado em Psicologia da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável Amazônia (FADESA).
Orientadora: Profa. Milena Sousa.

PARAUAPEBAS
2023

Raiane S

HÉLIDA RAMAYANA DE OLIVEIRA SILVA
RAIANE LIMA SILVA

Hélida S

ANÁLISE DOS TRANSTORNOS CAUSADOS PELO ABANDONO AFETIVO NA INFÂNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para aprovação da disciplina de TCC II no curso de bacharelado em Psicologia da Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável Amazônia (FADESA).
Orientadora: Profa. Milena Sousa.

Aprovado em: 27 / 06 / 2023.

Banca Examinadora

Washington S

Prof. Esp. Washington Moraes Silva
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA

Diones S

Prof. Me. Diones Soares Souza
Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA

Milena S

Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia – FADESA
Profa. Orientada. Esp. Milena Vieira Sousa

Daniela A

Data de depósito do trabalho de conclusão / /

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por me dar forças e capacidade de concluir este trabalho.

Também agradeço a minha mãe pelo apoio incondicional, carinho, incentivo, palavras de encorajamento que sempre me deu em todos os momentos da minha vida.

Meu agradecimento especial à minha orientadora Milena Sousa, que dedicou seu tempo e conhecimento para me guiar durante todo o processo de elaboração deste TCC.

Agradeço também ao meu marido por está comigo em cada etapa, pelo incentivo constante e pelo apoio financeiro.

Por fim, expresso minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste projeto. Muito obrigado!

Hélida Ramayana de Oliveira Silva

Primeiramente a Deus que me deu oportunidade, forças de vontade e coragem para superar todos os desafios.

A minha família, principalmente meu filho(a) que ainda está no meu ventre , mais um motivo maior para ter aspiração pra tudo der certo.

Por fim, agradeço a orientadora Milena por tudo apoio durante esses meses de muito trabalho. Obrigada!

Raiane Lima Silva

RESUMO

Introdução: O abandono crônico da infância pode criar um sentimento generalizado de insegurança, uma crença de que o mundo não é seguro e as pessoas não são confiáveis. Isso pode os levar a antecipar e temer o abandono, a rejeição e a traição em seus relacionamentos adultos. “Cerca de 5 milhões de brasileiros não têm o nome do pai na certidão de nascimento, e mais de 11 milhões de famílias são formadas por mães solo”. **Objetivo:** O presente estudo tem como objetivo analisar os danos causados no indivíduo pelo abandono afetivo na infância. **Método:** foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo nas seguintes bases de dados Pubmed, Caps, Scielo e Google Acadêmico das quais foram selecionados artigos, livros, monografias, sendo estes lidos na íntegra que contemplasse o tema proposto, com o período entre 2012 e 2023. **Resultados:** Diante dos estudos observou-se que as crianças dependem de seus pais para atender às suas necessidades físicas e emocionais. E como as crianças pequenas são completamente dependentes dos pais, o abandono tem um efeito profundo sobre elas. **Conclusão:** Muitas pessoas com problemas de abandono temem que os outros não queiram estar perto delas. Isso os leva a se envolver em comportamentos que agradam as pessoas, na tentativa de evitar a rejeição. Pessoas codependentes podem ignorar suas próprias necessidades e se sentir inseguras quando não estão perto de seus parceiros. Os problemas de abandono podem fazer com que alguém afaste as pessoas, mas também podem ter o efeito oposto. Alguém com medo de abandono pode se recusar a deixar seu parceiro, mesmo que esteja sendo maltratado em um relacionamento doentio. Eles podem ter medo de não conseguir encontrar outra pessoa ou acreditar que não merecem um tratamento melhor.

Palavras-chave: Abandono afetivo. Conseqüências. Tratamento.

ABSTRACT

Introduction: Chronic childhood abandonment can create a generalized feeling of insecurity, a belief that the world is not safe and people are unreliable. This can lead them to anticipate and fear abandonment, rejection and betrayal in their adult relationships. "About 5 million Brazilians do not have the father's name on the birth certificate, and more than 11 million families are formed by single mothers". **Objective:** The present study aims to analyze the damage caused to the individual by affective abandonment in childhood. **Method:** a bibliographical research of a described character was carried out in the following databases Pubmed, Caps, Scielo and Google Scholar from which articles, books, monographs were selected, which were read in full that contemplated the proposed theme, with the period between 2012 and 2023. **Results:** In view of the studies, it was observed that children depend on their parents to meet their physical and emotional needs. And because young children are completely dependent on their parents, abandonment has a profound effect on them. **Conclusion:** Many people with abandonment issues fear that others don't want to be around them. This leads them to engage in people-pleasing behaviors in an attempt to avoid rejection. Codependent people can ignore their own needs and feel insecure when they are not around their partners. Abandonment issues can cause someone to push people away, but they can also have the opposite effect. Someone with a fear of abandonment may refuse to let go of their partner, even if they are being mistreated in an unhealthy relationship. They may fear that they won't be able to find someone else or believe that they don't deserve better treatment.

Keywords: Affective abandonment. Consequences. Treatment.

LISTA DE SIGLAS

ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
SENA	-	Sistema de Avaliação de Crianças e Adolescentes
TDO	-	Transtorno Desafiador Opositivo
TDAH	-	Transtorno De Déficit De Atenção/Hiperatividade
TPD	-	Transtornos De Personalidade Dissocial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 ABANDONO AFETIVO: CONCEITO	10
2.1.1 Estilo de apego ansioso	18
2.1.2 Estilo de apego evitativo	18
2.1.3 Estilo de apego desorganizado	19
2.2 PRINCIPAIS IMPACTOS NA VIDA DA CRIANÇA DIANTE DO ABANDONO AFETIVO.....	19
2.3 TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS.....	23
2.3.1 Abandono afetivo na vida da criança e adolescente.....	24
2.3.2 Como tratar.....	26
2.3.2.1 Autocuidados	27
3 METODOLOGIA	28
4 RESULTADOS	29
5 DISCUSSÃO	33
6 CONCLUSÃO	
7 REFERÊNCIAS	33
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O abandono afetivo na infância é caracterizado quando ocorre a quebra do dever de um dos pais, e a partir disso expressa falta de cuidado, falta de afeto, descaso, provocando assim danos da personalidade na criança ou no adolescente. Pode-se ter ideia dos problemas que a falta de afeto traz para a vida de uma criança? O sofrimento é real, e as consequências podem refletir em toda a vida, elas podem desenvolver vários transtornos na vida adulta, de tantas frustrações e decepções, o sentimento de rejeição é comum entre as pessoas que passaram por isso (LOPES, *et al.*, 2020).

Um dos traumas sofridos também é o de se sentir culpado, por não ser amado, por não ter sido aceito pelos seus genitores, e dessa forma na vida adulta busca suprir aquela falta de amor, carinho e até mesmo segurança nos seus relacionamentos futuros gerando assim uma dependência emocional (BORGES, *et al.*, 2021).

Essa dependência faz com que a pessoa se apegue a tudo que possa lhe oferecer essa segurança e o indivíduo acaba se sentindo culpado por aquilo que ele não pode controlar, buscando outras fontes de suprir aquele vazio. O abandono afetivo é uma violência e deixa marcas na vida do ser humano, é preciso se conscientizar da importância da saúde emocional principalmente na infância, que é a fase de formação e desenvolvimento psíquico (LOPES, *et al.*, 2020). O abandono não se caracteriza apenas quando a criança vai para adoção, mas também quando o convívio é negligenciado por parte dos genitores. Considerando as diferentes fases do desenvolvimento e independente da organização da família, os pais têm hoje a sua importância reconhecida ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura a efetivação dos direitos fundamentais das crianças referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990). A família é considerada a “base da sociedade”, como previsto na Constituição Federal (artigo 226), sendo assim, relações afetuosas e seguras entre famílias e filhos possui funções sociais insubstituíveis, como a inserção da criança na cultura e nas relações, incorporando valores éticos e significados afetivos, formando sua personalidade (BRASIL, 1988).

O estudo é relevante, visto que, as relações de afeto e a presença familiar são de extrema importância para o desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes. O abandono afetivo causa nos indivíduos danos irreparáveis que é levado para vida toda. Não há como obrigar o genitor amar um filho, mas é assegurado à criança pela legislação o direito de ser cuidado (LOPES, *et al.*, 2020).

A problemática está em apresentar que a criança ao experimentar o abandono emocional na infância pode o deixar ansioso, desconfiado, envergonhado e esses sentimentos muitas vezes os acompanham até a idade adulta (ARAUJO; MOUCHEREK, 2022).

O abandono crônico da infância pode criar um sentimento generalizado de insegurança, uma crença de que o mundo não é seguro e as pessoas não são confiáveis. Isso pode os levar a antecipar e temer o abandono, a rejeição e a traição em seus relacionamentos adultos. De acordo com Moraes (2020, p. 3) “Mais de 5 milhões de brasileiros não têm o nome do pai na certidão de nascimento, e mais de 11 milhões de famílias são formadas por mães solo”.

Diante do que foi exposto, o abandono afetivo é um tema de extrema importância no âmbito social, judiciário e psíquico, necessitando assim, conhecimentos científicos e debates acerca do que é o abandono afetivo e seus danos emocionais e morais, levando informações para a sociedade atual em que os valores familiares tem sido cada vez mais esquecidos e ignorados.

Portanto, a pesquisa visa responder ao seguinte problema: Quais as consequências geradas pelo abandono afetivo e os principais transtornos causados na vida das crianças e adolescentes? A hipótese da pesquisa é a de que, existem várias consequências, inclusive que geram transtornos para o resto da vida desta criança ou adolescente.

Tendo este estudo como objetivo geral identificar e analisar os danos causados no indivíduo pelo abandono afetivo na infância. E de forma específica identificar e analisar as formas desses sujeitos diante do abandono afetivo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, vamos explorar o que é o abandono afetivo na relação pais/filhos, os efeitos do abandono na infância, os efeitos do abandono afetivo nas relações adultas, as causas do abandono emocional na infância, os estilos de apego inseguros resultantes de abandono emocional na infância e diferentes opções de tratamento.

Vários fatores de risco estão relacionados à saúde mental de crianças pequenas e foram identificados na literatura, incluindo baixo nível socioeconômico, disfunção familiar, abuso físico ou psicológico, experiências traumáticas (acidentes, desastres naturais, guerras etc.) e abandono afetivo. Sendo nosso interesse aqui tratar somente do abandono afetivo.

2.1 ABANDONO AFETIVO: CONCEITO

O abandono afetivo é uma experiência extraordinariamente dolorosa. Pode ter impactos substanciais e, para muitos, duradouros em nossas percepções de nós mesmos e dos outros. Uma experiência de abandono e o medo persistente que ela instila em nós podem afetar negativamente a forma como nos relacionamos com nossos amigos, familiares, colegas de trabalho e parceiros românticos. Pode nos deixar sensíveis e irritados ou achatados e entorpecidos (BORGES, *et al.*, 2021).

Embora a ideia de ser abandonado e/ou negligência pareça implicar em ser deixado fisicamente sozinho, podemos nos sentir abandonados por alguém que ainda está fisicamente presente, mas emocionalmente indisponível (DAMIANI; COLOSSI, 2015). Feridas de abandono são muitas vezes, embora nem sempre, infligidas durante a infância e podem se tornar complexamente entrelaçadas com nossas personalidades e concepções de si mesmo, tornando-as particularmente difíceis de curar. No entanto, essas são feridas das quais podemos cuidar, não importa quando ocorreram (DAMIANI; COLOSSI, 2015; MATA, 2019).

Abandono é o estado de ser deixado desamparado e sem proteção. Quando nos sentimos abandonados, nos sentimos indesejados, sem importância e descartados. O abandono muitas vezes também vem com a sensação de traição, de que fomos deixados por alguém que deveria nos apoiar. Um exemplo comum é o divórcio dos pais durante a nossa infância. A partida de um de nossos pais pode nos

deixar traídos e indignos de amor. O impacto emocional duradouro do abandono centra-se nesse sentimento de traição e indignidade. A experiência pode nos deixar com a sensação de que não podemos confiar naqueles que estão mais próximos de nós ou que simplesmente não valemos o amor e o compromisso deles (BORGES, *et al.*, 2021).

Há vários problemas de abandono e são vários sintomas ou respostas emocionais e psicológicas a uma experiência de abandono. Dizer que alguém tem “problemas de abandono” normalmente se refere à persistência de mecanismos de enfrentamento que foram adotados em resposta a uma experiência anterior de negligência, abuso ou de ter sido deixado em estado de vulnerabilidade (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

O abandono afetivo na infância é uma experiência traumática e requer o desenvolvimento de diferentes estratégias psicológicas e comportamentais para nos protegermos no futuro. Essas estratégias podem ser úteis à medida que navegamos nas consequências imediatas de sermos abandonados, mas elas se tornam mal adaptativas se persistirem no longo prazo, tornando-se assim “problemas”. Problemas de abandono são comumente caracterizados por ansiedade e medo de perder entes queridos, o que resulta em uma hipersensibilidade ao distanciamento percebido em um relacionamento (SMITH, 2018; BORGES, *et al.*, 2021).

De acordo com Mata (2019) o abandono emocional ocorre quando os pais não fornecem as condições emocionais e o ambiente emocional para um desenvolvimento saudável. Essencialmente, é quando suas necessidades emocionais não estão sendo atendidas e a criança sente que deve esconder uma parte de si mesmo para ser aceita. Por exemplo, aqui está uma lista de algumas necessidades emocionais: para ser ouvido e compreendido; para ser apreciado e valorizado; ser respeitado; ser aceito; demonstrar afeto, amor e companheirismo e para ser nutrido.

Não estar emocionalmente presente como pai pode parecer: não permitir que a criança cometa erros e esperar a perfeição; não permitir que a criança demonstre seus sentimentos ou que lhe digam como se sente não é verdade; reforçando que não é bom ter necessidades e que as necessidades dos outros são mais importantes do que as da criança e reforçar que o sucesso é ruim ao descontar as realizações da criança ou não reconhecê-las (MATA, 2019).

De acordo com Damiani e Colossi (2015) na maioria das vezes, o abandono emocional se apresenta em limites indefinidos: quando os pais não vêem seus filhos

como pessoas próprias com limites distintos; quando os pais esperam que os filhos sejam uma extensão de si mesmos; quando os pais não assumem a responsabilidade por seus próprios pensamentos, sentimentos ou comportamentos, mas esperam que seus filhos assumam a responsabilidade por seus próprios; quando um pai alimenta sua própria auto-estima através do comportamento de seu filho e quando os filhos são tratados como iguais pelos pais.

Assim, as crianças respondem ao medo e ansiedade tentando prevê quando serão deixados para que possam evitá-lo ou pelo menos se preparar para o impacto. Abaixo estão apenas alguns exemplos dos muitos sintomas que podemos observar na vida do adulto quando sofre o abandono na infância. Dificuldade em formar relacionamentos próximos e saudáveis; padrões de escolha de parceiros que são abusivos, controladores, carentes, emocionalmente instáveis ou emocionalmente indisponíveis; padrões de comunicação interpessoal não saudável com parceiros e amigos; perder-se nos relacionamentos; incapacidade de confiar nos outros; afastar os outros para evitar a rejeição; sempre querendo agradar os outros; sentir-se inseguro nos relacionamentos; desenvolvendo codependência; necessidade de garantia constante de que os outros não irão embora; necessidade de controlar os outros; manter relacionamentos doentes; incapacidade de manter relacionamentos; hipersensibilidade à crítica; tendência a dissociar; ansiedade social e vícios, distúrbios alimentares e automutilação (BORGES, *et al.*, 2021).

Problemas de abandono são comumente o resultado de experiências adversas na infância que resultam no que é conhecido como estilo de apego inseguro (CONRADI, *et al.*, 2016). De acordo com a teoria do apego, nosso relacionamento com nossos pais ou cuidadores fornece uma estrutura ou modelo de trabalho para o que podemos esperar dos outros, no qual contamos ao longo de nossas vidas (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

A teoria do apego, de acordo com Mary Ainsworth se concentra nos relacionamentos e vínculos (particularmente de longo prazo) entre as pessoas, incluindo entre pais e filhos e entre parceiros românticos. É uma explicação psicológica para os laços emocionais e relacionamentos entre as pessoas. Essa teoria sugere que as pessoas nascem com a necessidade de estabelecer laços com os cuidadores quando crianças. Esses vínculos iniciais podem continuar a influenciar os apegos ao longo da vida.

Essa teoria afirma que, quando crianças, quando os cuidadores estão presentes e respondem de maneira confiável às necessidades, desenvolvem um modelo funcional de nós mesmos como dignos e amáveis e dos outros como atenciosos e confiáveis, conhecido como estilo de apego seguro. Quando os cuidadores estavam ausentes, negligentes, abusivos, emocionalmente indisponíveis ou de outra forma inconsistente respondendo às nossas necessidades críticas, as crianças desenvolvem um estilo de apego inseguro ou um modelo em que somos ineptos ou inúteis e/ou em que os outros são frios e indignos de confiança (BORGES, *et al.*, 2021).

O psicólogo britânico John Bowlby foi o primeiro teórico do apego. Ele descreveu o apego como uma "conexão psicológica duradoura entre os seres humanos". Bowlby estava interessado em entender a ansiedade e a angústia que as crianças experimentam quando separadas de seus cuidadores primários. Pensadores como Freud sugeriram que os bebês se apegam à fonte do prazer. Os bebês, que estão na fase oral de desenvolvimento, tornam-se apegados à mãe porque ela atende às suas necessidades orais (PASIAN, *et.al.*, 2013).

Algumas das primeiras teorias comportamentais sugeriam que o apego era simplesmente um comportamento aprendido. Essas teorias propunham que o apego era apenas o resultado da relação de alimentação entre a criança e o cuidador. Como o cuidador alimenta a criança e fornece nutrição, a criança se apega (PASIAN, *et.al.*, 2013). Bowlby observou que as mamadas não diminuam a ansiedade de separação. Em vez disso, ele descobriu que o apego era caracterizado por padrões claros de comportamento e motivação. Quando as crianças estão assustadas, elas buscam a proximidade de seu cuidador principal para receber conforto e cuidado.

Apego é um vínculo emocional com outra pessoa. Bowlby acreditava que os primeiros vínculos formados pelas crianças com seus cuidadores têm um impacto tremendo que continua por toda a vida. Ele sugeriu que o apego também serve para manter o bebê perto da mãe, aumentando assim as chances de sobrevivência da criança (MATA, 2019).

Bowlby via o apego como um produto de processos evolutivos. Enquanto, as teorias comportamentais do apego sugeriam que o apego era um processo aprendido, Bowlby e outros propuseram que as crianças nascem com um impulso inato de formar apegos com os cuidadores (PASIAN, *et.al.*, 2013).

Ao longo da história, as crianças que mantinham proximidade com uma figura de apego eram mais propensas a receber conforto e proteção e, portanto, mais propensas a sobreviver até a idade adulta. Através do processo de seleção natural, surgiu um sistema motivacional projetado para regular o apego. (MATA, 2019).

O tema central da teoria do apego é que cuidadores primários que estão disponíveis e respondem às necessidades do bebê permitem que a criança desenvolva uma sensação de segurança. A criança aprende que o cuidador é confiável, o que cria uma base segura para a criança explorar o mundo. Em sua pesquisa na década de 1970, a psicóloga Mary Ainsworth expandiu muito o trabalho original de Bowlby. Seu estudo inovador sobre "situações estranhas" revelou os profundos efeitos do apego no comportamento. No estudo, os pesquisadores observaram crianças com idades entre 12 e 18 meses respondendo a uma situação em que eram deixadas sozinhas por um breve período e depois reunidas com suas mães. (PASIAN, *et.al.*, 2013).

Com base nas respostas observadas pelos pesquisadores, Ainsworth descreveu três estilos principais de apego: apego seguro, apego ambivalente-inseguro e apego evitativo-inseguro. Mais tarde, os pesquisadores Main e Solomon (1986) acrescentaram um quarto estilo de apego chamado apego desorganizado-inseguro com base em suas próprias pesquisas. (MATA, 2019).

Uma série de estudos desde aquela época apoiaram os estilos de apego de Ainsworth e indicaram que os estilos de apego também têm impacto sobre os comportamentos mais tarde na vida. De acordo com (PASIAN, *et.al.*, 2013) as fases do apego:

Fase de pré-anexo - Do nascimento aos 3 meses, os bebês não mostram nenhum apego particular a um cuidador específico. Os sinais do bebê, como choro e agitação, naturalmente atraem a atenção do cuidador e as respostas positivas do bebê encorajam o cuidador a permanecer próximo.

Apego indiscriminado - Entre 6 semanas de idade e 7 meses, os bebês começam a mostrar preferências por cuidadores primários e secundários. Os bebês desenvolvem a confiança de que o cuidador responderá às suas necessidades. Embora ainda aceitem os cuidados dos outros, os bebês começam a distinguir entre pessoas familiares e desconhecidas, respondendo de forma mais positiva ao cuidador principal.

Discriminar apego - Nesse ponto, dos 7 aos 11 meses de idade, os bebês mostram forte apego e preferência por um indivíduo específico. Eles protestarão quando separados da figura primária de apego (ansiedade de separação) e começarão a exibir ansiedade com estranhos (ansiedade de estranhos).

Múltiplos Anexos - Após aproximadamente 9 meses de idade, as crianças começam a formar fortes laços afetivos com outros cuidadores além da figura primária de apego. Isso geralmente inclui um segundo pai, irmãos mais velhos e avós.

Fatores que influenciam o apego, embora esse processo possa parecer simples, existem alguns fatores que podem influenciar como e quando os apegos se desenvolvem, incluindo:

Oportunidade de apego: Crianças que não têm uma figura de cuidados primários, como aquelas criadas em orfanatos, podem não desenvolver o senso de confiança necessário para formar um apego.

Cuidados de qualidade: quando os cuidadores respondem de forma rápida e consistente, as crianças aprendem que podem depender das pessoas responsáveis por seus cuidados, que é a base essencial para o apego. Este é um fator vital.

De acordo com (MATA, 2019) Existem quatro padrões de apego, incluindo:

Apego ambivalente: essas crianças ficam muito angustiadas quando um dos pais vai embora. O estilo de apego ambivalente é considerado incomum, afetando cerca de 7% a 15% das crianças americanas. Como resultado da pouca disponibilidade dos pais, essas crianças não podem depender de seu cuidador principal para estar presente quando precisarem.

Apego evitativo : Crianças com apego evitativo tendem a evitar os pais ou cuidadores, não mostrando preferência entre um cuidador e um completo estranho. Esse estilo de apego pode ser resultado de cuidadores abusivos ou negligentes. As crianças que são punidas por depender de um cuidador aprenderão a evitar procurar ajuda no futuro.

Apego desorganizado: essas crianças exibem uma mistura confusa de comportamento, parecendo desorientadas, atordoadas ou confusas. Eles podem evitar ou resistir ao pai. A falta de um padrão de apego claro provavelmente está ligada ao comportamento inconsistente do cuidador. Nesses casos, os pais podem servir tanto como fonte de conforto quanto de medo, levando a um comportamento desorganizado.

Apego seguro: As crianças que podem depender de seus cuidadores demonstram angústia quando separadas e alegria quando reunidas. Embora a criança possa estar chateada, ela se sente segura de que o cuidador retornará. Quando assustadas, as crianças com apego seguro sentem-se confortáveis em buscar a segurança dos cuidadores. Este é o estilo de anexo mais comum.

Em relação ao impacto duradouro do apego precoce, as crianças que têm um apego seguro quando bebês tendem a desenvolver uma autoestima mais forte e uma melhor autoconfiança à medida que envelhecem. Essas crianças também tendem a ser mais independentes, têm melhor desempenho na escola, têm relacionamentos sociais bem-sucedidos e experimentam menos depressão e ansiedade. A pesquisa sugere que a incapacidade de formar vínculos seguros no início da vida pode ter um impacto negativo no comportamento na infância e ao longo da vida (BORGES, *et al.*, 2021).

Crianças diagnosticadas com transtorno desafiador de oposição, transtorno de conduta ou transtorno de estresse pós-traumático freqüentemente apresentam problemas de apego, possivelmente devido a abuso precoce, negligência ou trauma. Crianças adotadas após os 6 meses de idade podem ter um risco maior de problemas de apego (MATA, 2019).

Em relação aos distúrbios de Apego em alguns casos, as crianças também podem desenvolver distúrbios de apego. Existem dois transtornos de apego que podem ocorrer: transtorno de apego reativo e transtorno de engajamento social desinibido. O transtorno de apego reativo ocorre quando as crianças não formam vínculos saudáveis com os cuidadores. Isso geralmente é resultado de negligência ou abuso na primeira infância e resulta em problemas com o gerenciamento emocional e padrões de afastamento dos cuidadores (MATA, 2019).

O transtorno de engajamento social desinibido afeta a capacidade da criança de formar laços com outras pessoas e geralmente resulta de trauma, abandono, abuso ou negligência. É caracterizada por uma falta de inibição em relação a estranhos, muitas vezes levando a comportamentos excessivamente familiares em torno de pessoas que não conhecem e à falta de limites sociais (BORGES, *et al.*, 2021).

Anexos adultos - Embora os estilos de apego exibidos na idade adulta não sejam necessariamente os mesmos vistos na infância, os apegos iniciais podem ter um sério impacto nos relacionamentos posteriores. Os adultos que tiveram um apego

seguro na infância tendem a ter boa auto-estima, fortes relacionamentos românticos e a capacidade de se revelar aos outros (PASIAN, *et.al.*, 2013).

Embora estilos de apego inseguros sejam comumente observados em pessoas que tiveram experiências adversas na infância (como negligência ou abuso), estilos de apego inseguros podem ser desenvolvidos ao longo da vida em resposta a perdas traumáticas de figuras de apego, como a morte de um dos pais, amigo, irmão ou cônjuge (DAMIANI; COLOSSI, 2015; BRAEHLER; NEFF, 2020).

Pessoas com um estilo de apego inseguro resultante do abandono geralmente antecipam ser rejeitadas por amigos, familiares, parceiros, colegas de trabalho e outros. Em resposta ao medo de rejeição, eles tendem a ser hipervigilantes em busca de pistas que sejam consistentes com suas expectativas. Em outras palavras, eles estão constantemente procurando sinais de que serão rejeitados ou abandonados (BORGES, *et al.*, 2021).

Essas expectativas muitas vezes tendem a ser auto-realizáveis. Ou seja, as expectativas os levam a ver sinais de rejeição pendente quando eles não estão realmente lá ou interpretam mal o comportamento dos outros como uma indicação de que eles vão nos deixar quando não estão. É provável que respondam defensivamente, afastem as pessoas ou entremos em pânico e exigem garantias constantes todos comportamentos que tendem a afastar as pessoas, o que confirma nossas suspeitas. Dito de forma simples, quando tratamos os outros como se fossem nos rejeitar ou nos abandonar, dificultamos a proximidade, o que os leva a fazer exatamente o que esperávamos deles (PASIAN, *et.al.*, 2013).

Além disso, quando somos apresentados a evidências que refutam nosso modelo de trabalho (ou seja, evidências de que somos amados e dignos de amor), nós as rejeitamos ou ignoramos, tornando difícil para nós receber qualquer garantia que nos seja oferecida (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

Os estilos de apego inseguro são tradicionalmente divididos em pelo menos dois tipos: ansioso e evitativo (CONRADI *et al.*, 2016). Pensa-se que os estilos de apego ansiosos sejam um reflexo do modelo interno de trabalho do eu (ou seja, a razão pela qual as pessoas saem é por minha causa), enquanto os estilos de apego evitativo são pensados para refletir os modelos internos de funcionamento dos outros (ou seja, a razão pela qual as pessoas saem é por causa deles) (BORGES, *et al.*, 2021).

2.1.1 Estilo de apego ansioso

Um estilo de apego ansioso é caracterizado por uma preocupação com ansiedade, insegurança e necessidade de segurança em um relacionamento. As pessoas com um estilo de apego ansioso geralmente se sentem incapazes de confiar em sua capacidade de se sustentar, o que as leva a confiar nos outros em busca de orientação, segurança e conforto (BRAEHLER; NEFF, 2020). Em pessoas com experiência de abandono, um estilo de apego ansioso pode se manifestar como carente ou pegajoso, sacrificando seus próprios desejos para agradar aos outros, permanecendo em relacionamentos prejudiciais e desenvolvendo relacionamentos codependentes (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

Aqueles que têm um estilo de apego ansioso tentam lidar com o abandono emocional da infância desenvolvendo relacionamentos intensamente próximos. Essa pessoa pode ser considerada codependente em seus relacionamentos com outras pessoas e muitas vezes se sente ansiosa quando não está com o parceiro. As pessoas que têm um estilo de apego ansioso costumam ser mais reativas emocionalmente. Mas, ao mesmo tempo, eles não querem criar conflito por medo de que o parceiro vá embora (BRAEHLER, NEFF, 2020).

1.1.2 Estilo de apego evitativo

Um apego evitativo é caracterizado por um isolamento defensivo ou afastamento dos outros. As pessoas com um estilo de apego evitativo acreditam que só podem confiar em si mesmas para obter conforto e apoio porque aprenderam que não se pode confiar nos outros para atender às suas necessidades críticas. Buscar ajuda de outras pessoas evoca um medo poderoso de ser abandonado, rejeitado ou desapontado. Aqueles que têm um estilo de apego evitativo têm muita dificuldade em se abrir e confiar nos outros. Eles normalmente não permitem que muitas pessoas se aproximem deles. Aqueles com um estilo de apego evitativo podem parecer distantes, excessivamente reservados ou retraídos (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

Também foi sugerido que um estilo de apego evitativo provocará vergonha quando a ajuda é necessária porque a pessoa evitativa deve enfrentar a realidade de

que não pode atender a todas as suas necessidades sozinha (BRAEHLER; NEFF, 2020). Um estilo de apego evitativo geralmente se manifesta como uma incapacidade de confiar nos outros, a tendência de afastar os outros para evitar a rejeição, dificuldade em formar relacionamentos íntimos e tendência a se desassociar.

1.1.3 Estilo de apego desorganizado

As pessoas com um estilo de apego desorganizado acham difícil permanecer íntimas e próximas de alguém e muitas vezes são muito inconsistentes em seus relacionamentos. Essa pessoa pode se sentir muito ansiosa por estar em um relacionamento e querer evitar a proximidade com alguém, ao mesmo tempo em que deseja uma conexão (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Os pais têm papel fundamental no desenvolvimento dos filhos que sempre se espelham nos pais e sem convívio não existe mais essa referência, pois os pais transmitem para os filhos valores éticos e morais que moldam a personalidade de cada pessoa. Assim que nascemos somos automaticamente inseridos no seio familiar e passamos a conviver com regras impostas e com o convívio diário criamos laços de afeto (GONÇALVES, 2021).

Estudos anteriores demonstraram que uma história de trauma na infância está ligada a transtornos mentais na idade adulta, particularmente à depressão. Considera-se também que experiências adversas na infância contribuem para o risco do desenvolvimento de algum transtorno na infância da criança que sofre as consequências do abandono afetivo (LOPES, *et al.*, 2020; BORGES, *et al.*, 2021; ARAUJO; MOUCHERREK, 2022).

2.2 PRINCIPAIS IMPACTOS NA VIDA DA CRIANÇA DIANTE DO ABANDONO AFETIVO

Desde o momento em que se nasce, aprende a se relacionar conosco, com os outros e com o mundo ao nosso redor por meio de nosso relacionamento com nosso(s) cuidador(es) principal(is), geralmente nossos pais. Formamos fortes ligações com nossos cuidadores, que nos nutrem e sintonizam com nossas necessidades emocionais. Esse apego é crucial para o nosso desenvolvimento físico, psicológico e social (BRAEHLER; NEFF, 2020).

Infelizmente, relacionamentos sintonizados entre cuidador e criança não são uma realidade para muitas crianças e adultos. Frequentemente, esse relacionamento inicial crucial pode ser rompido e a criança pode sofrer um trauma de abandono (BRAEHLER; NEFF, 2020). O trauma do abandono pode ocorrer quando um dos pais não está emocionalmente disponível para o filho. Isso pode acontecer em um nível físico (ou seja, o pai morreu ou deixou a criança com outro cuidador) ou em um nível emocional, como quando o cuidador luta contra o abuso de substâncias ou outros problemas de saúde mental ou comportamental que atrapalham sintonia compassiva (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Em várias sociedades, os efeitos da negligência nos estágios iniciais da vida de uma criança são frequentemente negligenciados. As consequências da negligência no futuro podem causar danos potenciais ao bem-estar físico e emocional da criança negligenciada à medida que envelhecem. Cada criança que já foi negligenciada ou abandonada tem sua própria maneira de lidar com sua experiência traumática (BRAEHLER; NEFF, 2020).

No passado, vários estudos foram realizados para examinar o impacto de diferentes tipos de negligência no desenvolvimento infantil. Um dos estudos recentes compararam crianças de 3 a 10 anos de idade com histórico de negligência familiar, crianças com histórico de criação institucionalizada e crianças sem histórico de negligência. Após a comparação com as crianças não negligenciadas, os resultados mostraram que as crianças com história de negligência familiar e criação institucionalizada apresentaram escores cognitivos e de linguagem mais baixos e mais problemas comportamentais (GONÇALVES, 2021).

Os mais comuns no grupo negligência familiar foram os problemas de comportamento de internalização e externalização. Problemas de comportamento de externalização predisseram o estresse dos pais. Ao comparar os dois grupos de negligência, menor tempo gasto em um ambiente estável, pontuações mais baixas em habilidades de linguagem e a presença de comportamento de externalização predisseram QI mais baixo. Embora um QI mais alto possa ser previsto por pontuações de linguagem e ausência de problemas de comportamento de externalização (GONÇALVES, 2021).

De acordo com Gonçalves (2021) como a primeira infância é um período bastante vulnerável para as crianças desenvolverem habilidades cognitivas, de linguagem e emocionais, a presença de abandono afetivo pode causar problemas

catastróficos na vida de uma criança. De acordo com o autor os problemas decorrentes do abandono afetivo das crianças incluem controle inadequado dos impulsos, retraimento social, problemas para lidar e regular suas emoções, problemas de baixa auto-estima, comportamentos patológicos como tiques e acessos de raiva, roubo e autopunição, mau funcionamento intelectual e baixo desempenho acadêmico. Estes são apenas alguns dos problemas que surgem quando as crianças são abandonadas ou negligenciadas (BORGES, *et al.*, 2021).

Embora algumas crianças tenham efeitos duradouros por serem negligenciadas, há outras crianças que conseguem se recuperar rapidamente do trauma. Com isso dito, as necessidades emocionais das crianças ainda sofrem porque é muito difícil para o cérebro de uma criança absorver e compreender totalmente a enormidade do abandono (BRAEHLER; NEFF, 2020). A criança abandonada fica questionando seu valor próprio, tem dificuldade em confiar nos outros e luta com sentimentos de culpa e vergonha.

A partir de seu estudo, os pesquisadores descobriram que as crianças que sofriam abandono afetivo e viviam nas instituições tinham muitos problemas. As crianças apresentavam atrasos na função cognitiva, no desenvolvimento motor, na linguagem, déficits nos comportamentos socioemocionais, apresentavam transtornos psiquiátricos e apresentavam alterações nos padrões da atividade elétrica em seus cérebros. Para as crianças que foram transferidas para famílias adotivas, elas apresentaram melhora na linguagem, QI, comportamentos socioemocionais e foram capazes de formar relacionamentos responsivos com seus cuidadores, portanto o abandono afetivo faz muita diferença na vida das crianças (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017; BORGES, *et al.*, 2021).

Um meta-estudo mostrou que mais de 18% das crianças sofrem de negligência ou abandono emocional. As crianças que sofrem de abandono emocional muitas vezes se sentem mal amadas e indesejadas, e isso pode ter consequências duradouras. Os efeitos do abandono emocional em crianças podem se manifestar como: falha em prosperar; medo de ficar sozinho; experimentando intensa preocupação ou pânico; ficar doente frequentemente devido ao estresse; problemas de concentração; atrasos no desenvolvimento; dificuldade em regular as emoções; maior sensibilidade à rejeição; tendências dissociativas; vergonha ou culpa em torno das emoções; hiperatividade; agressão; depressão; baixa auto-estima; problemas de abuso de substâncias à medida que envelhecem; maior risco de fugir de casa;

distúrbios emocionais e causas do abandono emocional na Infância (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Todos já ouviram o ditado, “pessoas feridas machucam pessoas”? A triste e infeliz realidade sobre os pais que negligenciam emocionalmente seus filhos é que muitas vezes eles mesmos estão se machucando e lutando. Essas mágoas que os pais carregam são muitas vezes o que leva à negligência emocional.

Os pais podem nem perceber que isso é o que estão fazendo emocionalmente com seus filhos, especialmente se o pai ou a mãe está lutando contra sua própria doença mental, estresse extremo, abuso conjugal ou dificuldades financeiras. Se o adulto já experimentou a negligência emocional de um dos pais, pode se tornar ansioso para saber o motivo de suas ações (DAMIANI; COLOSSI, 2015; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

As crianças que são emocionalmente abandonadas eventualmente crescem, e os sintomas desse abandono tendem a surgir em seus relacionamentos adultos. Se a criança está passando por alguma das situações abaixo quando adulto, pode ser um sinal de que ela experimentou abandono emocional na infância: necessidade de controlar ou ser controlado por seu parceiro; aceitar um relacionamento insatisfatório ou doentio; sentir-se inseguro sobre relacionamentos; ser excessivamente ciumento nos relacionamentos; dar demais ou ser excessivamente ansioso para agradar os outros; problemas de confiança; e tendo dificuldade com intimidade emocional (BORGES, *et al.*, 2021).

As crianças que vivenciam o trauma do abandono sentem-se inseguras em seus corpos e no mundo. É provável que sintam baixa auto-estima, vergonha, insegurança e incerteza sobre a satisfação de suas necessidades. O trauma do abandono na infância pode ter um impacto duradouro na psique de uma pessoa, desde a infância até a idade adulta. Como tal, o trauma de abandono aumenta o risco de desenvolver problemas de saúde, como: transtorno por uso de substâncias; distúrbios alimentares (bulimia nervosa, anorexia nervosa); problemas de saúde mental – depressão, ansiedade, transtorno de personalidade limítrofe; e problemas de relacionamento (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017), e os demais serão tratados no item 2.3.

2.3 TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS

Estima-se que a prevalência de problemas de saúde mental em crianças pequenas esteja entre 17 e 20% globalmente, com as primeiras manifestações sintomáticas observadas antes dos 14 anos em média. Além disso, verificou-se que as maiores taxas de prevalência estão nos países em desenvolvimento. No entanto, a intervenção é complicada, pois os achados de altas taxas de comorbidade de transtornos de saúde mental sugerem que a complexidade do diagnóstico e tratamento é um grande desafio. Entre 24 e 29% dos problemas de saúde mental geralmente diagnosticados em crianças pequenas, como depressão, ansiedade e transtornos comportamentais, muitas vezes contêm características que também estão presentes em outros transtornos, assim como identificado diante do abandono afetivo (COPELAND, *et al.*, 2015).

Por exemplo, a depressão nessa faixa etária é frequentemente comórbida com ansiedade e/ou distúrbios comportamentais. Frequentemente também envolve sintomas somáticos, como desconforto gastrointestinal, dores de cabeça, dores musculares, cansaço excessivo e distúrbios do sono ou do apetite, juntamente com outros sintomas internalizantes de estados afetivos e emocionais associados a hipersensibilidade, irritabilidade, agressividade, impulsividade, retraimento social, desmotivação, intolerância à frustração e baixa autoestima. Além da expressão sintomática no nível cognitivo, a depressão na juventude geralmente inclui dificuldades de atenção, concentração, compreensão e memória, afetando negativamente os processos de aprendizagem. Deve-se notar que na adolescência, a depressão também pode ser acompanhada por uso problemático de substâncias, distúrbios alimentares (GRABER, 2013; HANKIN, *et al.*, 2015).

Estima-se que a prevalência de transtornos depressivos em crianças e adolescentes esteja aumentando, e a idade média de aparecimento dos primeiros sinais ou sintomas esteja diminuindo. Globalmente, a prevalência varia de 2 a 5% em crianças e 4 a 8% em adolescentes. Dificuldades de aprendizado e emocionais também são prevalentes, e foi demonstrado que contribuem para o desenvolvimento de sintomas depressivos (CUMMINGS, *et al.*, 2014). Assim, a depressão pode ter mais comorbidade com outros problemas de saúde mental diante do abandono afetivo (BORGES, *et al.*, 2021).

Por outro lado, a prevalência de transtornos de ansiedade em crianças e adolescentes supera significativamente a de outros problemas de saúde mental habitualmente diagnosticados nessa população (4 a 32% em todo o mundo), não incluindo aqueles casos em que a ansiedade se manifesta como sintoma de outras doenças clínicas. A ansiedade também apresenta comorbidade com fobia social e transtorno obsessivo-compulsivo, e afeta não apenas o domínio afetivo, mas também as funções cognitivas (BRAEHLER; NEFF, 2020).

Os distúrbios comportamentais constituem outra categoria de problemas de saúde mental que podem ocorrer na infância e adolescência. Devido à sua natureza aberta, os distúrbios comportamentais afetam principalmente o desenvolvimento social, como nos contextos escolar, social e familiar; além disso, têm correlação direta com distúrbios de adaptação na idade adulta. Os distúrbios comportamentais têm uma prevalência mundial variando de 5 a 7% em crianças e entre 2 e 4% em adolescentes (BATSTRA, *et al.*, 2012).

Os diagnósticos desse tipo de transtorno são maiores no sexo masculino, com mais casos de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH), que afeta significativamente os processos de socialização e aprendizagem relatados na infância, e mais casos de transtorno desafiador opositivo (TDO) e transtornos de personalidade dissocial (TPD, ou transtornos de personalidade anti-social) relatados na adolescência (BATSTRA, *et al.*, 2012). TDO e TPD compartilham características comuns associadas à oposição às normas, comportamento desafiador em relação a figuras de autoridade, irritabilidade e estados emocionais recorrentes de raiva, juntamente com dificuldades em gerenciar essas emoções e comportamentos. Impulsividade e agressividade também são observadas com TOD e TPD (BRAEHLER; NEFF, 2020).

2.3.1 Abandono afetivo na vida da criança e adolescente

O desenvolvimento humano saudável requer o atendimento das necessidades de cuidados físicos e emocionais. Necessidades não atendidas podem resultar em sentimentos de abandono. Experimentar o abandono pode se tornar um evento de vida traumático. A morte de um dos pais pode ser um evento traumático para uma criança. Sentir-se inseguro devido a uma situação ameaçadora como abuso ou pobreza também pode causar trauma (SOUZA; VERISSIMO, 2015).

Algum grau de medo de abandono pode ser normal. Mas quando o medo do abandono é grave e frequente, pode causar alguns transtornos. Pode afetar a forma como os relacionamentos de uma pessoa se desenvolvem. Nesse caso, o apoio de um profissional específico da área da psicologia pode ajudar (BORGES, *et al.*, 2021).

Uma pessoa que sofreu abandono ou foi negligenciado pode ter maior probabilidade de ter problemas de saúde mental de longo prazo. Muitas vezes, eles se baseiam no medo de que o abandono volte a ocorrer (DAMIANI; COLOSSI, 2015). Uma criança que foi abandonada por um dos pais ou cuidador pode ter mudanças de humor ou raiva mais tarde na vida. Esses comportamentos podem afastar potenciais parceiros íntimos e amigos. A auto-estima de uma criança também pode ser afetada pela falta de apoio dos pais (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

O medo do abandono pode prejudicar a capacidade de uma pessoa de confiar nos outros. Eles podem tornar mais difícil para uma pessoa se sentir digna ou ser íntima. Esses medos podem tornar uma pessoa propensa a ansiedade, depressão, codependência ou outros problemas. Os problemas de abandono também estão ligados à personalidade limítrofe e à ansiedade de apego. Alguém que carece de auto-estima devido ao abandono da infância pode buscar relacionamentos que reforcem suas crenças (DAMIANI; COLOSSI, 2015).

Assim, após compreendermos todos os transtornos que envolvem a vida desta criança e que pode estar ainda na vida adulta apresenta-se aqui. Os problemas de saúde mental durante a infância, infância ou adolescência afetam os processos de adaptação e funcionalidade na idade adulta, de modo que os problemas de saúde mental na população jovem devem ser considerados uma prioridade para a gestão da saúde pública (BORGES, *et al.*, 2021).

Acerca do gatilho de abandono, é qualquer coisa que desencadeie uma reação emocional intensa relacionada à sua experiência de abandono. Os gatilhos de abandono podem ser muito específicos para suas experiências particulares, mas estes são alguns gatilhos comuns entre muitas pessoas com experiências de abandono: rejeição; trapaceando; traição; crítica; conflito interpessoal e doença (BORGES, *et al.*, 2021).

2.3.2 Como tratar

Observou-se que os planos e programas escolares voltados para a salvaguarda do bem-estar dos alunos têm conseguido detectar, em tempo hábil, problemas geralmente relacionados à depressão, ansiedade e distúrbios comportamentais, além de mitigar o impacto negativo da insuficiência investimento de recursos públicos em saúde mental e a baixa utilização dos serviços disponíveis pela população em geral (GREEN, *et al.*, 2013).

Estas estatísticas sugerem claramente que a necessidade de detectar sintomas de problemas de saúde mental e intervir rápido representa um desafio relevante para os sistemas educativos e de saúde, uma vez que estratégias que facilitam os processos de ensino e aprendizagem salvaguardam também o bem-estar psicológico (GREEN, *et al.*, 2013). Para enfrentar esse desafio e avaliar com precisão as psicopatologias que afetam o crescimento e o desenvolvimento ideais em crianças e adolescentes, é fundamental o uso de instrumentos válidos e confiáveis para uma avaliação psicológica abrangente (BRAEHLER; NEFF, 2020).

Um desses instrumentos confiáveis de avaliação disponíveis é o Sistema de Avaliação de Crianças e Adolescentes (SENA) que facilita a estimativa de problemas de saúde mental comuns na população jovem, além de fornecer uma avaliação de recursos pessoais e fatores de risco relacionados aos modos de interação nos contextos familiar, social e escolar. O SENA também avalia problemas específicos, como abuso de substâncias, distúrbios alimentares, problemas de aprendizagem, atraso no desenvolvimento e comportamento incomum ou perturbador (SÁNCHEZ, *et al.*, 2016).

A cura de problemas de abandono pode ser um processo longo e desafiador. Isso nos obriga a enfrentar experiências desconfortáveis e muitas vezes traumáticas e exige que reformulemos fundamentalmente nossas percepções de nós mesmos e das pessoas ao nosso redor. Abandonar qualquer tipo de crença profundamente arraigada é difícil, mas nos permitir abandonar uma crença profundamente arraigada que usamos para nos proteger do mal pode parecer quase impossível (BORGES, *et al.*, 2021). Felizmente, por mais impossível que pareça, podemos nos recuperar de experiências de abandono. Vamos abordar apenas algumas estratégias recomendadas por profissionais de saúde. Autocuidados; Terapia; Atenção plena e Grupos de suporte (BRAEHLER; NEFF, 2020).

A experiência de ser abandonado pode moldar toda a nossa visão de mundo. Pode nos fazer sentir como se não merecêssemos o mesmo amor, cuidado e compaixão que os outros são e que as pessoas de quem mais gostamos não são confiáveis para nos proteger e confortar quando mais precisamos (DAMIANI; COLOSSI, 2015). Essas percepções podem ter impactos negativos significativos em nossos relacionamentos com nossa família, amigos, colegas de trabalho, parceiros românticos e até com nós mesmos. Podemos, no entanto, nos recuperar dessas feridas profundas e dolorosas, oferecendo a autocompaixão, cuidado e autoperdão enquanto exploramos a fonte de nossa dor e nossas respostas a ela (BORGES, *et al.*, 2021).

Pode ser frustrante, confuso e triste perceber que se pode lutar contra os efeitos do abandono emocional na infância. Opções de tratamento estão disponíveis para aqueles que lutam com isso, e é possível cultivar relacionamentos saudáveis e duradouros. Vamos dar uma olhada abaixo.

2.3.2.1 Autocuidados

Porque aqueles que sofreram abandono emocional não tiveram suas necessidades emocionais atendidas, é vital que eles façam de suas necessidades emocionais uma prioridade em sua vida adulta. O autocuidado, quando feito de forma saudável, não é egoísmo. O autocuidado requer autocompaixão, gentileza e consciência do que se precisa em cada estação da vida. Algumas práticas de autocuidado podem incluir: Atividade física regular; Meditação ou respiração profunda; Investindo na sua fé; Mergulhando na comunidade; Priorizando hobbies que se ama; Monitorando seu tempo de tela; Comer alimentos saudáveis; Beber bastante água e manter-se hidratado e priorizar horas adequadas de sono e reservar tempo para descansar (BRAEHLER; NEFF, 2020).

3 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter descrito nas seguintes bases de dados Pubmed, Caps, Scielo e Google Acadêmico das quais foram selecionados artigos, livros, monografias, sendo estes lidos na íntegra que contemplasse o tema proposto. Na busca e seleção foram utilizados os DECs: Abandono afetivo Infantil. Consequências. Transtornos psicológicos. Tratamento.

Foram incluídos artigos com autores que abordam sobre os temas: abandono afetivo e suas consequências. Artigos empíricos e bibliográficos. O material de pesquisa contará com publicações realizadas a partir do ano de 2012 até o ano de 2023, cujo idioma esteja em português e inglês, com autores que contribuem para o aprofundamento do tema.

Foram excluídos artigos com datas anteriores ao ano de 2012, com exceção de clássicos, caso for necessário; não irão compor como material de estudo para esta pesquisa, assim como quaisquer publicações que fujam do tema e do público-alvo. Não serão utilizadas quaisquer matérias com publicações desatualizadas.

Na coleta de dados feita uma leitura exploratória através de análise de documentos de todo o material selecionado com leitura sumariada, para verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho. A partir disso, ocorreu uma leitura seletiva e o registro das informações extraídas das fontes pelas duas autoras.

Na análise de dados, buscamos compreender e interpretar determinados comportamentos, sentimentos, e percepções trazidos nos artigos principalmente empíricos.

Este estudo não necessitou de aprovação do Comitê de Ética de pesquisa, por não envolver diretamente pessoas, animais, de acordo com a Lei CNS n. 196/96 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

4 RESULTADOS

A pesquisa selecionou 18 artigos de acordo com os critérios. A maioria dos artigos apresentou que o medo do abandono muitas vezes decorre da perda da infância. Essa perda pode estar relacionada a um evento traumático, como a perda de um dos pais por morte ou divórcio. Também pode vir de não receber cuidados físicos ou emocionais suficientes. Essas experiências da primeira infância podem levar ao medo de ser abandonado por outras pessoas mais tarde na vida. A seguir são apresentadas as categorias de análises.

4.1 COMO FUNCIONA O ABANDONO

O desenvolvimento humano saudável requer o atendimento das necessidades de cuidados físicos e emocionais. Necessidades não atendidas podem resultar em sentimentos de abandono. Experimentar o abandono pode se tornar um evento de vida traumático. (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017). A morte de um dos pais pode ser um evento traumático para uma criança. Sentir-se inseguro devido a uma situação ameaçadora como abuso ou pobreza também pode causar trauma (BATSTRA, *et al.*, 2012; DAMIANI; COLOSSI, 2015).

Algum grau de medo de abandono pode ser normal. Mas quando o medo do abandono é grave e frequente, pode causar problemas. Pode afetar a forma como os relacionamentos de uma pessoa se desenvolvem. Nesse caso, o apoio de um terapeuta ou conselheiro pode ajudar (BRAEHLER; NEFF, 2020).

4.2 ABANDONO EMOCIONAL

Um padrão de abandono emocional ou negligência também pode ser traumático. Pode qualificar-se como uma forma de abandono. O abandono emocional pode ocorrer quando os pais: reprimir a expressão emocional de seus filhos; ridicularizam seus filhos; mantenha seus filhos em padrões muito altos; confiar demais nas crianças para seu próprio senso de valor e trate seus filhos como iguais (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

As pessoas que se sentiram abandonadas quando crianças podem ter maior probabilidade de repetir esse padrão com seus filhos. Mas algumas crianças emocionalmente abandonadas reconhecem esse padrão. Eles podem cuidar de seus próprios filhos e quebrar o ciclo de abandono. Muitos desses sinais de abandono também podem ocorrer entre pessoas em um relacionamento (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013).

Estresse ou sobrecarga podem contribuir para o abandono emocional. Pessoas com necessidades não atendidas geralmente têm dificuldade em atender às necessidades dos outros. Praticar o autocuidado é uma parte importante para garantir que as próprias necessidades sejam atendidas. A pessoa que pratica o autocuidado pode então atender às necessidades de seu filho ou parceiro de maneira saudável (DAMIANI; COLOSSI, 2015 BRAEHLER; NEFF, 2020).

4.3 ANSIEDADE DE ABANDONO NOS RELACIONAMENTOS

Adultos que sofreram abandono quando crianças ainda podem ter sentimentos associados ao abandono. Isso pode acontecer desde a perda de um parceiro íntimo até a separação, divórcio ou morte. O abandono pode ocorrer na infância ou na idade adulta. De qualquer maneira, o impacto pode ser generalizado. Pode afetar negativamente quaisquer outros relacionamentos que uma pessoa desenvolva, sejam eles íntimos, sociais ou profissionais (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

O medo do abandono pode afetar um relacionamento saudável. As pessoas podem se preocupar que seu parceiro esteja tendo um caso. Essa ansiedade pode vir da experiência com casos anteriores. Também pode vir de problemas anteriores de perda ou ansiedade. Os adultos que têm medo de serem abandonados podem trabalhar para impedir que o parceiro vá embora. Eles podem dedicar muito trabalho e esforço ao relacionamento. (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013).

Então, eles podem se preocupar que seu parceiro não aprecie ou retribua seus esforços. Sinais de abandono podem estar afetando um relacionamento incluem: um parceiro “dá demais” ou é um “agradável às pessoas”; inveja dos relacionamentos de outras pessoas; problemas de confiança; sentimento de insegurança no relacionamento; falta de intimidade emocional; a necessidade de um

parceiro controlar o outro e estabelecendo-se em um relacionamento menos do que satisfatório. Pessoas que foram abandonadas quando crianças também podem procurar parceiros que as tratem de maneira semelhante. Isso pode levar a um ciclo de abandono. Um ciclo como esse pode ser difícil de sair. (BRAEHLER; NEFF, 2020).

4.4 MEDO DE ABANDONO EM CRIANÇAS

As crianças podem se preocupar com o fato de seus pais as abandonarem. Isso pode ser natural, pois as crianças formam apegos aos pais desde o nascimento. As crianças pequenas podem ficar ansiosas com a saída dos pais para uma viagem curta. Eles podem ficar ansiosos quando um dos pais os deixa na creche ou na escola. É possível que as crianças não sejam afetadas a longo prazo por essas preocupações. Isso pode significar garantir que eles tenham um apego seguro ao cuidador. Isso os ajudará a aprender habilidades sociais e a ter relacionamentos saudáveis mais tarde na vida (GREEN, *et al.*, 2013).

Os sinais de que uma criança pode ter problemas de abandono incluem: ansiedade de apego ou separação; preocupação ou pânico; medo de ficar sozinho; ficar doente com mais frequência devido ao estresse e dificuldade de concentração.

Se seu filho apresentar esses sinais, há coisas que você pode fazer para ajudar. É possível lidar com o medo do abandono cedo. Isso pode ajudar as crianças a formar um apego seguro. Uma maneira de ajudar as crianças com esse medo é tranquilizá-las sobre seu amor e seu papel na vida delas. Os pais também podem achar útil informar aos filhos qual é o “plano” em um determinado dia. Saber o que esperar pode ajudar as crianças a se sentirem seguras com a presença dos pais. Eles podem começar a se sentir mais seguros mesmo quando seus pais ou cuidadores não estão presentes (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Algumas crianças experimentam o que é chamado de “síndrome da criança abandonada”. Isso pode ocorrer após a perda de um dos pais ou cuidador. Também pode se desenvolver devido ao abandono físico ou emocional de um dos pais. Os sintomas podem se manifestar como isolamento, baixa auto-estima e mecanismos de enfrentamento pouco saudáveis, como problemas alimentares ou dependência. Se não forem tratados precocemente, os sintomas podem se tornar graves e dificultar o estabelecimento de relacionamentos ou uma vida saudável (PASIAN, *et al.*, 2013).

4.5 EFEITOS DE LONGO PRAZO DE PROBLEMAS DE ABANDONO

Uma pessoa que sofreu abandono pode ter maior probabilidade de ter problemas de saúde mental de longo prazo. Muitas vezes, eles se baseiam no medo de que o abandono volte a ocorrer. Uma criança que foi abandonada por um dos pais ou cuidador pode ter mudanças de humor ou raiva mais tarde na vida. Esses comportamentos podem afastar potenciais parceiros íntimos e amigos. A auto-estima de uma criança também pode ser afetada pela falta de apoio dos pais (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

O medo do abandono pode prejudicar a capacidade de uma pessoa de confiar nos outros. Eles podem tornar mais difícil para uma pessoa se sentir digna ou ser íntima. Esses medos podem tornar uma pessoa propensa a ansiedade, depressão, codependência ou outros problemas. Os problemas de abandono também estão ligados à personalidade limítrofe e à ansiedade de apego. Alguém que carece de auto-estima devido ao abandono da infância pode buscar relacionamentos que reforcem suas crenças (PASIAN, *et al.*, 2013).

5 DISCUSSÃO

O abandono infantil é uma questão histórica e, apesar de ser contra a lei em muitos países, o fenômeno do abandono infantil continua, de acordo com os autores (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013). A necessidade emocional mais básica de uma criança dependente é de um cuidador confiável e responsivo. Portanto, a discussão aqui apresentada será explorado o que é o abandono emocional na relação pais/filhos, os efeitos do abandono emocional na infância, os efeitos do abandono emocional nas relações adultas, as causas do abandono emocional na infância, os estilos de apego inseguros resultantes de abandono emocional na infância e diferentes opções de tratamento (SOUZA; VERISSIMO, 2015; RGES, *et al.*, 2021).

O abandono pode ocorrer quando as pessoas não recebem a proteção e o apoio físico, emocional e psicológico de que precisam. Para as crianças, isso pode ocorrer quando elas não recebem nutrição, roupas, abrigo e atenção adequados. Também pode ocorrer quando experiências negativas, como abuso sexual e físico, estão presentes (RGES, *et al.*, 2021).

O abandono pode, portanto, ocorrer em famílias onde ambos os pais estão presentes e o abuso de álcool não é um fator. Padrões de negligência e necessidades não atendidas podem levar ao desenvolvimento do medo do abandono. s relações interpessoais são essenciais para o nosso bem-estar emocional. Os relacionamentos que temos com os outros podem ser uma fonte de apoio social e emocional que nos impede de ficarmos sozinhos. Quando uma pessoa tem medo de abandono, no entanto, a ansiedade avassaladora de ser rejeitada ou deixada para trás pode dificultar o estabelecimento de relacionamentos íntimos com outras pessoas (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

O abandono e o medo dele prejudicam o desenvolvimento de vínculos seguros, que são necessários para o desenvolvimento da autoidentidade e para o crescimento relacional saudável. Como tal, os problemas de abandono prejudicam os futuros relacionamentos sociais, íntimos ou profissionais de uma criança (PASIAN, *et al.*, 2013).

Alguns dos sinais de que uma criança tem problemas de abandono incluem medo de ficar sozinha, ter dificuldade em se concentrar nas tarefas, ser pegajosa, se preocupar em perder o pai ou cuidador, ter ansiedade de separação e ficar doente devido ao estresse emocional que carrega. O curso dessas crianças não é fixo – há

etapas que um pai ou cuidador pode tomar para desfazer alguns dos danos causados e resolver quaisquer problemas de abandono antes que eles se instalem em um medo profundo (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013).

Todas as crianças dependem inteiramente dos pais ou cuidadores para sua segurança em seu ambiente. Quando esses cuidadores deixam de oferecer apoio e atender às necessidades da criança, emocional e fisicamente, é dito que eles abandonaram o filho (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Quando os pais abandonam seus filhos, eles crescem se sentindo inseguros no mundo e sentindo que as pessoas não são confiáveis. Esses sentimentos inseguros levam a criança a vivenciar emoções em que sente que não merece atenção positiva ou cuidado adequado. Para muitas crianças, o abandono é físico e pode incluir: falta de supervisão; abuso físico ou sexual; abuso narcisista e a oferta inadequada de nutrição (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013).

Para outras crianças, o abandono assume a forma de negligência emocional e abuso quando os pais não dão aos filhos condições emocionais e ambientes necessários para o seu desenvolvimento saudável. A criança fica se sentindo inadequada, rejeitada e danificada, precisando se esconder dos outros sabendo quem ela é por dentro. As crianças abandonadas acreditam que não é certo cometer erros, que não é certo mostrar suas emoções genuínas, que não devem ter necessidades e que não é certo ser bem-sucedido (PASIAN, *et al.*, 2013).

Por terem sido negligenciados e abusados quando crianças, muitos adultos crescem tendo internalizado todas as mensagens que receberam de seus pais quando eram jovens. Além disso, por ansiarem pela atenção de seus pais abusivos, muitos adultos crescem com medo de perder o amor daqueles que têm em suas vidas (BRAEHLER; NEFF, 2020).

A literatura mostra que o medo do abandono não é uma doença mental em si, mas sim uma forma de ansiedade que pode afetar negativamente quem a experimenta. Os adultos que enfrentam problemas de abandono geralmente enfrentam problemas em seus relacionamentos porque temem que a outra pessoa os deixe (PASIAN, *et al.*, 2013; BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

É vital reconhecer os sinais de problemas de abandono para que esses problemas possam ser enfrentados de frente. Eles incluem: Eles temem dar muito em

um relacionamento. Eles afastam as pessoas para evitar a rejeição. Eles costumam agradar as pessoas. Eles experimentam codependência. Eles se sentem inseguros em relacionamentos íntimos e amigáveis. Eles exigem garantias repetidas de que são amados. Eles sentem a necessidade de controlar os outros. Eles pulam de um relacionamento para outro. Frequentemente, eles sabotarão seus relacionamentos (SÁNCHEZ, *et al.*, 2016).

Outros sintomas que podem desafiar a vida de um sobrevivente do abandono incluem o seguinte: as pessoas que sofreram abandono podem ter maior probabilidade de ter distúrbios de saúde mental de longo prazo, muitas vezes com base no medo de que o abandono aconteça novamente em seus relacionamentos adultos. Mudanças de humor e problemas de raiva mais tarde na vida muitas vezes podem ser atribuídos ao abandono na infância devido à falta de apoio emocional e de outro tipo dos pais (SÁNCHEZ, *et al.*, 2016; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Algumas das condições de saúde mental consideradas fortemente influenciadas pelo abandono incluem: ansiedade; depressão; codependência e ansiedade de apego. Para alguém que carece de auto-estima devido ao abandono na infância, o medo de ser abandonado novamente torna-se uma profecia autorrealizável, pois seu apego e outros comportamentos negativos tendem a afastar possíveis parceiros e amigos para a vida (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Nos achados de (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017), outras consequências de longo prazo afetam as gerações futuras daqueles que foram abandonados quando crianças. Um estudo recente, descobriu que os descendentes dos abandonados e negligenciados herdam anormalidades cerebrais de suas mães aparecem como desconexão funcional entre a amígdala e as regiões pré-frontais mediais do cérebro de seus filhos logo após o nascimento (BRAEHLER; NEFF, 2020).

O tratamento dos problemas de abandono concentra-se principalmente no estabelecimento de limites emocionais saudáveis e na construção de uma infinidade de novas respostas quando velhos padrões de pensamento de medo começam a emergir ou ressurgir, conforme os estudos (GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Problemas de abandono podem, se não forem resolvidos, transbordar da infância para a vida e os relacionamentos adultos. Assim, a literatura apresenta que

atender às suas necessidades emocionais e físicas e fornecer um ambiente seguro para que cresçam nos coloca em um bom lugar para alimentá-los para que se tornem pessoas relacionais saudáveis agora e no futuro. Começa com uma visão clara de nós mesmos e de nossos filhos e, em seguida, tomamos as medidas necessárias para iniciar a jornada em direção à totalidade (BRAEHLER; NEFF, 2020).

Existem dois tratamentos principais para abandono que trabalham juntos para tratar problemas de abandono e negligência, incluindo o seguinte (MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

Psicoterapia. Embora a psicoterapia não seja para todos, procurar a ajuda de um profissional de saúde mental pode ajudar aqueles que foram vítimas de abandono e negligência na infância. Eles podem aprender a superar seus medos de serem abandonados novamente. Os terapeutas trabalham com seus clientes para entender de onde o medo se origina e como isso afeta seus relacionamentos.

Autocuidados. O autocuidado inclui garantir que o sobrevivente atenda de forma saudável às suas necessidades emocionais, formando amizades e relacionamentos e permitindo-se confiar.

O tratamento da ansiedade de abandono pode ser muito bem-sucedido, mas requer comprometimento e autocuidado. Muitas pessoas com problemas de abandono não vêem como seus comportamentos foram destrutivos para seus relacionamentos até que isso seja apontado para eles e eles comecem a se curar. No entanto, o tratamento pode ensinar novas formas de pensar e lidar para acabar com o poder abrangente e debilitante do abandono na infância (BATSTRA, *et al.*, 2012; GREEN, *et al.*, 2013; MATA; SILVEIRA; DESLANDES, 2017).

6 CONCLUSÃO

Assim, pode-se concluir que o abandono emocional crônico é traumático para as crianças e muitas vezes as leva a se identificar com o agressor, para manter o apego necessário aos pais, elas sentem, pensam e fazem o que seus pais exigem, culpam-se por serem abusadas e pela infelicidade de sua família, e se sentem envergonhados. O tratamento requer confiabilidade, sintonia, empatia, interesse, dos terapeutas. A história de abandono dos pacientes deve ser explorada em detalhes.

Assim, a pesquisa mostrou que uma necessidade que todas as pessoas têm é a de um sentimento de pertencimento. Quando sentimos que pertencemos, seja a uma comunidade, família, equipe, grupo ou organização, isso é uma pedra angular importante para nosso senso de bem-estar e identidade. Por outro lado, quando não temos esse sentimento de pertencimento, isso afeta nosso senso de identidade e pode até afetar nossa saúde mental e o desejo de se comprometer com outras pessoas nos relacionamentos.

Experimentar o abandono pode trazer sentimentos de vergonha devido à mensagem subjacente que tal abandono implica que a criança não é significativa ou importante. Isso pode ser traumático e, quando alguém passa por isso quando criança, pode carregar esses mesmos sentimentos de vergonha e insegurança para outros relacionamentos, inclusive com os próprios filhos.

Existem algumas fontes de abandono que são mais difíceis de evitar, onde o trauma que leva aos problemas de abandono decorre da morte de um dos pais ou da pobreza, pais ou cuidadores têm pouco que podem fazer para aliviar ou prevenir isso.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, R. F. S; Moucherek, M. C. Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e274111536934, 2022
- BORGES, M. M; SANTOS, A. G. M; QUEIROZ, D. F. D, SANTOS, L. D. P. B; BARBOSA, A. M. S. Impactos do abandono afetivo na infância. **Revista Multidisciplinar Em Saúde**, 2(3), 07, 2021. <https://doi.org/10.51161/rem/1670>
- DAMIANI, C. **A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2014.
- DAMIANI, C. C.; COLOSSI, P. M. A ausência física e afetiva do pai na percepção dos filhos adultos. **Pensando famílias**, v. 19, n. 2, p. 86–101, 2015.
- BATSTRA, L; HADDERS-ALGRA, M; NIEWEG, E; VAN TOL D; PIJL, S. J; FRANCES, A. Problemas emocionais e comportamentais na infância: Reduzindo o diagnóstico excessivo sem correr o risco de subtratamento. **Dev Med Child Neurol**; 54(6):492–494, 2012. doi: 10.1111/j.1469-8749.2011.04176.x
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Câmara dos Deputados. 9ª edição. 2012
- CUMMINGS, C. M; CAPORINO, N. E; KENDALL, P. C. Comorbidade de ansiedade e depressão em crianças e adolescentes: 20 anos depois. **Boi Psicol**; 140(3):816–845, 2014. doi: 10.1037/a0034733
- BRAEHLER, C; NEFF, K. **Autocompaixão no TEPT** . Em Emoção no transtorno de estresse pós-traumático, pp. 567-596, 2020.
- CONRADI, HJ; BOERTIEN, SD; CAVUS, H; VERSCHUERE, B. Examinando a psicopatia de uma perspectiva de apego: o papel do medo de rejeição e abandono. **O Jornal de Psiquiatria Forense e Psicologia**, 27 (1), 92-109, 2016.
- COPELAND, W. E; WOLKE, D; SHANAHAN, L; COSTELLO, E. J. Resultados funcionais adultos de problemas psiquiátricos comuns na infância: um estudo prospectivo e longitudinal. **JAMA Psiquiatria**; 72(9):892–899, 2015. doi:10.1001/jamapsychiatry.2015.0730
- EGRY, E.Y. et. al. Compreendendo a negligência infantil na perspectiva de gênero: estudo em um município brasileiro. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 49(4), 556-563, 2015.
- GONÇALVES, Q. **Abandono afetivo**: Sua consequência civil e psicológica. Centro Universitário UNIRB. 2021.
- GRABER, J. A. Tempo puberal e desenvolvimento de psicopatologia na adolescência e além. **Horm Behav**; 64(2):262–269, 2013. doi: 10.1016/j.yhbeh.2013.04.003 Pubmed:

GREEN JG, MCLAUGHLIN KA, ALEGRÍA M, COSTELLO EJ, GRUBER MJ, HOAGWOOD K et al Recursos escolares de saúde mental e uso de serviços de saúde mental para adolescentes. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**; 52(5):501–510, 2013. doi: 10.1016/j.jaac.2013.03.002

HANKIN BL; YOUNG JF, ABELA JR, SMOLEN A, JENNESS JL, GULLEY LD et al. Depressão desde a infância até o final da adolescência: Influência do gênero, desenvolvimento, suscetibilidade genética e estresse entre pares. **J Abnorm Psychol**; 124(4):803–16, 2015. doi: 10.1037/abn0000089

LOPES, J. S; TERTULIANO DOS SANTOS; A. M., VICENTE DA SILVA; M. C., CAJÉ, R. O; BEZERRA DA NÓBREGA, N. K. Abandono afetivo da criança e do adolescente: impactos jurídicos e psicológicos. SEMPESq - Semana De Pesquisa Da Unit - Alagoas, v. 7, 2020. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/al_sempesq/article/view/12057

MATA, N.T. Negligência na Infância: Uma Reflexão sobre a (Des)proteção de Crianças e Famílias. **O Social em Questão**, XXII(45), 223-238. 2019.

MATA, N.T.; SILVEIRA, L.M.B.; DESLANDES, S.F. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(9), 2881-2888. 2017.

PASIAN, M. S; MALEIROS, J. M; BAZON, M. R; LACHARITÉ, C. NEGLIGÊNCIA Infantil. *Pensando Famílias*, 17(2), p. 61-70, 2013.

SÁNCHEZ FS; PINTO IF; SANTAMARÍA P; ORTIZ MÁC; DEL BARRIO GÁNDARA V. SENA, Sistema de Avaliação de Niños y Adolescentes: Proceso de desarrollo y evidencias de fiabilidad y validez. **Rev Psicol Clín Niños Adolesc**. 2016; **3** (2):23–34.

SOUZA, J. M; VERISSIMO, M. LA Ó R. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 1097-1104. 2015.

SMITH, ME. Gerenciando problemas de abandono por meio da recuperação. *Associados de Aconselhamento de Árvore Genealógica*, 2018.

Página de assinaturas



Héli da Silva
025.730.822-96
Signatário



Washington Silva
043.327.723-85
Signatário



Daniela Americo
005.484.062-78
Signatário







Milena Sousa
782.675.873-49
Signatário



Raiane Silva
028.461.292-82
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|--|
| 14 set 2023
12:44:15 |  | Raiane Lima Silva criou este documento. (E-mail: raianesilva54.rl@gmail.com, CPF: 028.461.292-82) |
| 14 set 2023
12:44:16 |  | Raiane Lima Silva (E-mail: raianesilva54.rl@gmail.com, CPF: 028.461.292-82) visualizou este documento por meio do IP 186.232.206.87 localizado em Parauapebas - Para - Brazil |
| 29 nov 2023
01:34:59 |  | Raiane Lima Silva (E-mail: raianesilva54.rl@gmail.com, CPF: 028.461.292-82) assinou este documento por meio do IP 187.1.34.43 localizado em Vitoria do Mearim - Maranhao - Brazil |
| 21 set 2023
23:16:49 |  | Milena Vieira Sousa (E-mail: milenavieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) visualizou este documento por meio do IP 187.24.97.176 localizado em Belém - Para - Brazil |



- 21 set 2023**
23:16:59  **Milena Vieira Sousa** (E-mail: milenvieirasousa@gmail.com, CPF: 782.675.873-49) assinou este documento por meio do IP 187.24.97.176 localizado em Belém - Para - Brazil
- 14 set 2023**
12:55:42  **Washington Moraes Silva** (E-mail: orthiim@gmail.com, CPF: 043.327.723-85) visualizou este documento por meio do IP 191.246.231.121 localizado em Belém - Para - Brazil
- 14 set 2023**
12:55:48  **Washington Moraes Silva** (E-mail: orthiim@gmail.com, CPF: 043.327.723-85) assinou este documento por meio do IP 191.246.231.121 localizado em Belém - Para - Brazil
- 14 set 2023**
20:29:23  **Daniela S Americo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) visualizou este documento por meio do IP 170.239.200.213 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 14 set 2023**
20:29:28  **Daniela S Americo** (E-mail: danielaamericoa@gmail.com, CPF: 005.484.062-78) assinou este documento por meio do IP 170.239.200.213 localizado em Curionopolis - Para - Brazil
- 14 set 2023**
12:50:19  **Hélida Ramayana de oliveira Silva** (E-mail: helidaramayana545@gmail.com, CPF: 025.730.822-96) visualizou este documento por meio do IP 186.232.206.38 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 14 set 2023**
12:51:38  **Hélida Ramayana de oliveira Silva** (E-mail: helidaramayana545@gmail.com, CPF: 025.730.822-96) assinou este documento por meio do IP 186.232.206.38 localizado em Parauapebas - Para - Brazil






Página de assinaturas



Dionis Souza
027.844.665-58
Signatário

HISTÓRICO

- 29 nov 2023**
12:33:29  **Raiane Lima Silva** criou este documento. (E-mail: raianesilva54.rl@gmail.com)
- 29 nov 2023**
18:44:27  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) visualizou este documento por meio do IP 170.231.133.253 localizado em Parauapebas - Para - Brazil
- 29 nov 2023**
18:44:31  **Dionis Soares de Souza** (E-mail: dio.ssoares@gmail.com, CPF: 027.844.665-58) assinou este documento por meio do IP 170.231.133.253 localizado em Parauapebas - Para - Brazil

